

Diário de Rabiscos

Adriana Barbosa Ferreira

**icone**
editora

© Copyright 2008.
Ícone Editora Ltda.

Capa
Meliane Moraes

Diagramação
Meliane Moraes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ferreira, Adriana Barbosa

Diário de rabiscos / Adriana Barbosa Ferreira. —
São Paulo : Ícone, 2008.

ISBN 978-85-274-0957-5

1. Literatura infanto-juvenil I. Título.

07-9056

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infanto-juvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra,
de qualquer forma ou meio eletrônico, mecânico,
inclusive através de processos xerográficos,
sem permissão expressa do editor
(Lei nº 9.610/98).

Todos os direitos reservados à
ÍCONE EDITORA LTDA.
Rua Anhanguera, 56 - Barra Funda
CEP 01135-000 - São Paulo - SP
Tel./Fax.: (11) 3392-7771
www.iconeeditora.com.br
e-mail: iconevendas@iconeeditora.com.br

Dedicatória

Aos meus amigos:
Tháisa, Alessandra e Rayssa.

Agradecimentos

Este espaço especial em meu livro é um agradecimento, ou melhor, uma homenagem a todos que sempre estiveram ao meu lado!

Quero agradecer a toda minha família que sempre me ajudou nos momentos difíceis da minha vida: Minha mãe (Lia) que sempre está ao meu lado dando-me forças, amor e coragem, tia Fabiana, prima Marina, prima Carol, priminho Matheo, tio Luís, tia Kaly, prima Lara, tio Guilherme, tia Sil, e Lúcia (a moça que trabalha em casa e que me mima bastante e cuida de mim na ausência da minha mãe).

Também quero agradecer aos meus melhores amigos que sempre estiveram ao meu lado cuidando de mim: Alessandra, Ivan, Rayssa, Natalia, Paula, Patrícia e Rebeka.

E para fechar com chave de ouro, um agradecimento muito especial ao meu querido editor senhor Luiz Carlos Fanelli!

Muito obrigada, senhor Fanelli, por toda ajuda que o senhor tem me dado, por todo apoio e por todo carinho!

O senhor é muito especial e querido para mim e para minha mãe.

Apresentação

Olá, leitor, tudo bom?

Vocês sabiam que na vida há mais alegrias que tristezas? Sim? Não? Talvez? Pois bem, eu posso garantir que, na vida, felicidades é que não falta! Bom... Daí vocês me perguntam: Então por que tem gente que é tão infeliz? Eu digo que essas pessoas ainda não descobriram a alegria em suas vidas, pois estão ocupadas pensando nas dificuldades que enfrentam e nas desventuras passadas. Mas para que ficar pensando em sofrimento? Muita gente é agraciada e mal sabe disso. Eu, por exemplo, conheço jovens que jogam a vida e os estudos na

lata de lixo e ficam se lamentando por qualquer coisa... Amigos leitores isso não é certo. Eu sei que na vida há várias coisas chatas e complicadas, mas são desafios, obstáculos, coisas que fazem parte da arte de viver. Esses obstáculos, muitas vezes, fazem-nos amadurecer e refletir sobre a vida.

Eu, apesar de ter quinze anos, já passei por muitas desventuras, já chorei muito, mas nem por isso me dei por vencida!

Vejam bem: eu já passei por duas cirurgias, sofri discriminação na escola, traição de amiga, momentos de fraqueza, na primeira cirurgia eu quase fiquei muda, na segunda eu quase morri engasgando com saliva, pois nessa cirurgia minha deglutição foi afetada, fiquei com dificuldade para engolir (tive que ficar dois meses tomando só sopa), e para coroar o resumo das dificuldades pelas quais eu passei, eu acabei perdendo o primeiro ano do colegial.

Mas, e daí? O que importa é que estou viva, cada vez mais forte, linda, inteligente, amada e feliz! Se querem saber, eu bem que estava precisando de uma folga para dedicar-me a minha paixão: escrever.

Se eu, com tudo que já sofri, sou feliz por que outras pessoas também não podem ser? Leitores parem e pensem: todos merecem ser felizes.

Nunca digam: “Ninguém me ama...” Isso é mentira! A família sempre está pronta para ajudar, amigos leais nunca nos deixam na mão e Deus olha por nós.

Ninguém nasceu para sofrer...

As alegrias da vida estão em toda parte, basta procurarmos com vontade.

Ajude as pessoas, principalmente, família e amigos, pois esses são os tesouros mais preciosos na vida de qualquer pessoa.

O que eu quero mostrar neste meu livro é exatamente isso. Pensando que “na vida há mais alegrias que tristezas” eu criei a estória de uma jovem que descobre isso.

E para ninguém dizer: “Garota, coisas assim eu vejo em filmes.”, eu escrevi este livro baseado na minha história de vida, mas é claro que não é uma autobiografia, pois tem muitas coisas que inventei.

Os personagens são baseados em minha família e amigos, pois acho muito importante homenageá-los, pois sempre estão dispostos a me ajudar e são muito queridos para mim.

Eu planejei este livro com muito amor e cuidado. Criei uma estória divertida, descontraída e com um vocabulário jovem, gostoso e de fácil entendimento, para que o leitor possa sentir-se dentro da estória e ler com prazer.

Bom, meus leitores, eu vou ficando por aqui!

Boa Leitura para todos!

Adriana Barbosa Ferreira

11 anos

A vida como rabiscos

Rabiscos. Minha vida resume-se nisso. Um rabisco gordo, GIGANTE, defeituoso, obtuso e FANHO!

Meu nome é Jane McBee, aff, odeio meu nome! Isso é nome que se preze?

Fala sério, aonde minha mãe estava com a cabeça ao escolher esse nome?

Sabe... “Jane” é tão... sei lá, tipo assim, TOSCO!

Podem me chamar de Lola, isso sim é nome de garota poderosa!

Sou uma garota normal, cabelos castanhos-escuros, lisos, olhos verdes, pele clara e poderes mágicos! Tudo bem... Poderes mágicos não são tão normais assim.

Ah, claro! Não sou muito alta... Mas eu não dou à mínima! Se eu fosse alta, seria forçada a jogar basquete! ECAA! ODEIO esportes!

Uma vez uma dita “amiga” minha, Adelaide, sugeriu alguns esportes adequados para meu tamanho, ela fez uma listinha:

Lista de Esportes

- Alpinista de LOMBADA;
- Salva-vida de ÁQUARIO;
- Segurança de FORMIGA;
- Domadora de PULGA;
- Matadora de PIOLHO;
- Fazendeira de VASO DE PLANTA.

Substituta de *glóbulos brancos* (Adelaide alegava que, já que sou pequena, seria capaz de entrar na corrente sangüínea de alguém e combater um vírus... Ela não é uma sádica exagerada?).

Mesmo assim, sou feliz com minha pequenez!

Bom... Mudando de assunto:

Não tenho irmão ou irmã, moro com minha mãe, Luísa, em São Paulo, bairro Alto da Boa Vista. Chique, né?

Sou introvertida, muito brava e invocada. Por isso... Não se meta comigo!

Acabo com qualquer Zé mané que me provocar!
Posso fazer uma pergunta? Sua vida é legal? Sim? Não?
Talvez?

Tanto faz, mas se alguém me fizesse essa insana pergunta, eu diria:

Minha vida é UMA DROGA! Satisfeito? UMA DROGA!

Sei que é terrivelmente lamentável uma garotinha de onze anos de idade ser tão melancólica e achar a vida um lixo, mas é a verdade! Minha vida é um porre! E bota porre nisso. Nada de grandioso acontece! Nada!

Minha quinta série está sendo muito chata! Nossa e como é chata! MUITO chata!

Todas as garotas são metidas a adultas! Só querem andar com a oitava série e o colegial... Andar com a oitava série é um luxo; nossa, imagina, então, com o terceiro colegial? Chiquêrrimo, de acordo com essas idiotas fúteis!

Qual é o *glamour* de andar com gente mais velha? Usar maquiagem pesada em plena infância? Sinceramente, não vejo graça em ficar toda pintada parecendo uma palhaça, e andar com um salto agulha impróprio para meninas de onze anos!

Pra que querer parecer mais velha?

Sabe o que essas meninas vão ganhar com isso? Uma bela escoliose!

Bom para os ortopedistas... Vão ficar ricos!

Poucas são aquelas que ainda brincam de Barbie, pulam corda e amarelinha.

Ufa... Aonde esse mundinho fútil vai parar?

– Jane, desculpe, não queremos que lanche com a gente.
– disse a antipática da Lily.

– É Lola! Meu nome é Lola! Por que não posso lanchar com vocês? – perguntei indignada.

– Querida... Essas suas manchinhas são tão estranhas, melhor, você é estranha! – disse Joa. Tadinha, uma coitada que, praticamente, é escrava da Lily!

– Querida, minhas manchinhas são um charme! Quem é você para me criticar? Já se olhou no espelho? Isso na sua cara é um supertomate ou é uma ingênua espinha? – perguntei em voz alta para que todos pudessem ouvir e ver a aberração que estava na cara de Lily.

– Pare sua malvada! – disse Joa em proteção a sua mestra.

– Joa, o que você seria sem sua mestra? Credo, você vive seguindo a Lily por todo lado! Digam-me, vocês vão juntas até para o banheiro? Não são capazes de fazerem sozinhas? – perguntei em tom sarcástico.

– Somos amigas, e você está com inveja! – disse Joa, pondo a mão na cintura e inclinando o corpo.

– Inveja? De vocês? Não tenho inveja, apenas não gosto de ser tratada com desprezo. Qual é o problema das minhas manchinhas? – dessa vez falei em tom normal e gentil.

– São manchas estranhas. – disse Joa com cara de nojo.

– Estranhas? Tudo bem, eu tenho umas manchinhas pelo corpo todo, mas não é nada de mais! São apenas manchinhas fofas, inofensivas e nada contagiosas!

Joa já ia abrir aquela bocona para criticar-me, mas Lily mandou sua serva ficar calada:

– Calada Joa! Já chega. Lola, nada pessoal, mas não queremos você por perto. – disse Lily

– Certo... Desculpe o incômodo. – disse a elas e virei as costas.

Idiotas! Preconceituosas!

Pior é que o mundo está infestado de gentalha como elas...
NOJO!

Tudo bem... Antes só, que mal acompanhada!

Tudo que eu estava querendo era ir para o conforto do meu lar!

Só minha mãe me entende...

– Por que quer mudar de escola? – perguntou minha mãe.

– Mamãe, as meninas na minha escola são muito chatas, não gostam de mim, criticam minhas manchinhas, me acham estranha... Quer mais? – fiquei indignada.

– Suas manchinhas? Qual é o problema com elas? – perguntou minha mãe enquanto preparava o jantar.

– Por favor! – supliquei a ela.

Oras! Mudar de escola é uma idéia brilhante, não acham?

Mesmo correndo o risco de, na escola nova, o pessoal ser pior... Vale a pena tentar, né?

– Tudo bem, tudo bem! Você pode mudar de escola.

O ano já está para acabar... ela sorriu, e assim, juntas, terminamos de fazer o jantar!

Vitória! Enfim, eu estava livre daquelas ridículas!

⊙ *Começo de Rabiscos Maiores*

Acabaram-se as aulas! Que alegria!

Agora é só farra e alegria, não é mesmo? ERRADO!

Para mim não estava por vir alegria alguma, farra alguma, e, sim, rabiscos ainda maiores! BEM maiores! GIGANTES!

Estava eu na boa na hora do almoço, batendo um bom papo com Sara.

Sara é nossa empregada, e uma mãezona!

Tem uma paciência de Jó comigo e com minha mãe!

Até que...

– Lola, o que é isso no seu pescoço? Caxumba? – perguntou Sara preocupada.

– Que? Nada... Eu não estou sentindo nada. – respondi tranqüila.

– Lola, tem uma bolinha grandinha no seu pescoço! Como não sente nada?

Não dói nada? – Sara insistiu e começou a apalpar meu pescoço.

– Eu já disse que não estou sentindo nada! – insisti que essa droga de bolinha não era nada de mais.

– Nada disso! Vou ligar para sua mãe! Agora mesmo! – Sara levantou-se e pegou o telefone.

Por mais que insistisse que estava tudo bem comigo, Sara ligou para minha mãe e contou tudo.

Droga...

A cada minuto sentia que minha vida estava para piorar!

Sei que é estranho ter uma bolinha grandinha no pescoço e, mesmo assim, não sentir nada!

Deitei no sofá, bati palmas, e a televisão ligou. Estralei os dedos para mudar os canais.

Uma pena que meus poderes não podem me ajudar com essa bolinha.

Fiquei um tempo pensando o que aquela droga poderia ser... Seria um tumor benigno ou maligno?

Mamãe chegou cedo em casa, sentou-se ao meu lado, respirou fundo e disse:

– Marquei médico para você. Iremos amanhã, e algumas coisas serão esclarecidas.

– Que coisas? Não quero ir ao médico! Mãe, se você sabe o que é essa bolinha, por favor, fala de uma vez! – comecei a ficar nervosa... Minha mãe já estava começando a me assustar com esse papo medonho de médico.

– Tem certeza que quer que eu fale agora? – perguntou ela em tom sério e assustador.

Fazer o que, aquela tensão era terrível!

Melhor que falasse de uma vez!

– Quero que diga agora. – respondi temendo a resposta.

Uma Descoberta Radical

– Bom... há uma razão pela qual você tem essas manchinhas, a bolinha que apareceu no seu pescoço... você ser meio baixinha... – minha mãe já estava começando a enrolar!

– Desembucha logo! Caramba! – disse eu.

Como mamãe é lerda para dar uma notícia trágica!

– Você tem neurofibromatose. – disse ela calmamente.

“Pera aí!” Que? Rebobina a fita! Neuro o quê? Que isso? É de comê?

– Neurofibromatose é uma doença genética, ela é a causa dessas manchinhas cor de café-com-leite pelo corpo todo. Também gera essas bolinhas, como a do seu pescoço, chamadas neurofibromas, que são tumores.

Tem dois tipos de neurofibromatose: 1 e 2.

A tipo 1 é o seu caso: causa as manchinhas café-com-leite e as neurofibromas.

A tipo 2 se manifesta normalmente no jovem adulto, entre 20 e 30 anos. Costumam apresentar tumores benignos no nervo auditivo, neurofibromas do acústico, podendo levar à surdez por compressão. Outros tumores benignos também podem se desenvolver no sistema nervoso central.

– No seu caso, a doença é bem leve. – mamãe acabou de falar com sorrisinho no canto da boca, como quem diz “não é tão ruim assim”.

Eu não sabia se ria ou se chorava! Na verdade, eu estava querendo gritar, mas isso não seria bom para minha moral.

Decidi bancar a realista!

– É isso? Se no meu caso é leve... Tanto faz, continuo sendo a mesma Lola de sempre.

Além do que... essa Neuro não sei das quantas não deve ser tão ruim assim... Tentei ser otimista, aumentar minha moral, mas para minha desgraça minha alegria foi cortada!

– Bom, é um jeito otimista de encarar a coisa... Mesmo correndo risco de ter que operar... Sabe? Arrancar fora essa bolinha...

– COMO? – a interrompi. Levantei-me do sofá, terrivelmente nervosa com esse risco mórbido!

Operar? Calminha aí benzinho! Com isso o rabisco já muda de tamanho!

No começo era só uma neufibromatose boba, um pequeno rabisco oculto, agora, com cirurgia, o rabisco vira um rabiscão!

– Que isso? Nunca fiquei internada! Minha saúde é ótima! ÓTIMA!

– Fique calma. A doutora é muito legal... Você já fez algumas consultas com ela, quando você ainda era uma bebezinha. – minha mãe tentou acalmar-me.

Deitei no colo dela e chorei baixinho.

Por que isso foi acontecer justo comigo?

Fala sério... Será que grudei chiclete na cruz em vidas passadas?

Ninguém merece isso... Ai como sofro! Como sofro!

A Consulta mais Chata do Mundo

– Olá! Vamos entrando! – disse a médica. – Eu sou a Doutora Malva, e você garotinha, deve ser a Jane! – disse a dona médica toda animadinha.

O nome dela é Malva? Malva de Malvada? Credo... Deu até medo!

Alias... Ela era, digo, é medonha... Não conte isso para ela, tá?

Vou te contar uma coisa: durante a consulta tive vontade de usar meus poderes para quebrar a cadeira dela ou, talvez, explodir a maca, melhor o armário!

Mas claro que não fiz nada disso, pois, uma garota que tem classe, como eu, faz o possível para se conter em horas desventuradas, como em uma consulta médica.

– Por favor, me chame de Lola! – tentei ser legal, e forcei um sorriso.

– Que bonitinho! Você tem um nome de brincadeira.

– Malva e suas piadinhas...

Ainda vão me tirar do sério. Hum... Não tenho paciência para gracinha.

– Sentem-se! Pode deixar Luísa, vou explicar tudo! – disse Malva.

– Obrigada, já estou ciente de tudo, não é preciso, pois, explicar nada. Minha mãe contou-me tudo ontem à noite, fora que depois eu pesquisei sobre Neurofibromatose na Internet. – disse em tom sério, porém, sombrio.

– Olha, não é tão ruim assim... Seu caso é bem leve! – disse Malva sorrindo. – Venha aqui, me deixa ver essas manchinhas! – disse a doutora.

Ai, meu Pai do Céu! Ela não disse “me deixa ver”, disse? Que horror! Não suporto quando falam errado! Tudo bem

que tem uns erros que fazem parte do coloquial, mas “me deixa ver” é terrível!

Perdoem-me pela minha neurose gramatical, mas isso é demais!

– Desculpe, mas o correto é “deixe-me ver”. Não se inicia uma oração com pronome oblíquo átono. – murmurei baixinho no ouvido de Malva.

– Claro... Me desculpa, meu anjo! Vejo que você é bem espertinha. – disse Malva enquanto me examinava.

Gente... Sem querer ser chata, já sendo chata, mas ela fez de novo! Ela disse “me desculpa”, e o correto é “desculpe-me”!

Eu estou te irritando? Olha, se estiver, desculpa, mas é que precisava desabafar isso.

Decidi não falar nada para não fazer papel de chata.

Acabou a parte de examinação. Finalmente.

Sessão examinação é muito chata... UI! Não gosto de ser apalpada, e você?

Gosta de quando o médico enfia aquele palitinho na sua goela?

Bom, com isso, a Malva disse:

– Certo... Jane

– É Lola! – interrompi.

– Tudo bem, Lola, você fará alguns exames. Um deles é a Ressonância Magnética. Já ouviu falar? – perguntou ela.

– Nunca. Que é isso? – perguntei desconfiada.

– É um exame onde o paciente entra em um “tubo”, é como se fosse um raio-X mais sofisticado. Você vai ficar lá dentro por um tempo. Não pode se mexer. No exame serão tiradas espécies de “fotos” que podem indicar a localização das Neurofibromas.

– Eu vou ter que operar? – perguntei meio que já sabendo a resposta.

– Com certeza! – disse Malva sorridente e sádica.

– Esse exame tem agulha? – perguntei, já tendo uma noção da resposta.

– Ah... Sim! Na Ressonância será aplicado um contraste na veia, relaxa que essa é uma picadinha leve. – disse Malva.

Tanto faz, tenho pavor de agulhas!

Quem vai ser picada vai ser *moi*, e não ela!

Tortura - Parte I

Malva encaminhou-me para um cirurgião que é seu amigo, Dr. Onofre.

Minha mãe não perdeu tempo, e tratou de marcar logo a consulta.

Quando entrei na sala tive vontade de gritar e quebrar as janelas do consultório... Mesmo depois daquele papo furado de “classe” que já te contei!

Pena que minha mãe me proibiu de usar meus poderes assim...

Droga! Nem uma mísera lâmpada ela me deixou quebrar...

Chata.

Esqueça aquilo que eu disse de ter “classe”, na hora eu estava mais apavorada que cego em tiroteio.

– Sentem-se. – disse Onofre.

Mais uma vez tive que aturar uma seção de exame e apalpação.

Finalizando essa parte, tornei a sentar-me, e Onofre começou a explicar como seria a cirurgia:

— Você irá chegar ao hospital, recomendo que use uma roupa leve, a enfermeira vai medir sua pressão, te dará um remédio para que durma. Eu e minha equipe iremos levá-la para a sala de cirurgia. Você será operada. Ao término da operação, você irá para uma sala de recuperação onde ficará até acordar. Por fim, irá voltar ao quarto e fará um repouso. — então após um longo período Onofre terminou o falatório.

Assustador, não acha? Isso parece uma sessão de torturas macabras!

Ressonância, Cirurgia, exame de sangue... CREDO!

Querem matar-me? Enfia-me uma faca no coração! Sufoca-me com ácido clorídrico! Vapor quente! É mais fácil, rápido e prático!

Socorro! Querem me matar!

Droga de neurofibromatose do caramba! Só não falo coisa pior, pois deve ter algum pirralho lendo isso...

Lendo tudo isso parece que neurofibromatose é um demônio com milhões de cabeças, não é?

Continue lendo... Essa cirurgia era fichinha perto do que me aguardava.

Não acredita? Amor, minha vida não é fácil!

Eu soffro, e como soffro! Uma cirurgia? Pior que dá, e vai piorar...

Tortura - Parte 2

Chegou o tenebroso dia em que faria a Ressonância... Eu ainda mato o retardado que inventou esse exame! Eu sei que

é para meu bem, tá? Não começa com falatório! Mas o cara tinha de ser tão sádico? Será que ela não sentia dor, ou medo?

Veja bem, poderia ser assim: na ressonância você deita em uma maca superconfortável, liga um *Ipod* no último volume e fica numa boa fazendo seu exame!

E, para ficar chique e moderno, além de localizar tumores, a ressonância poderia também diminuí-los! E que tal, para arrasar, poderia corrigir celulite, mudar a cor dos olhos, fazer massagem para relaxar o pobre do paciente... Ai esse exame bem que poderia ser assim, né? Ah! Esse exame poderia também ter uma telinha de TV, onde o paciente pode assistir algo para se distrair, tipo assim, as mulheres assistem aqueles filmes de romance, os jovens a MTV. E os homens, aquelas porcarias nojentas que passam de madrugada, e as quais eles amam!

Pena que não é nada disso... Para ser honesta é um horror! Não se assuste... Eu vou sobreviver! Bom... Se eu morrer, vou lá para o além dar uns socos nos tios que inventaram a Ressonância.

Bem... Lá vou eu para o sofrimento!

Na sala de espera fiquei sentada ao lado da minha mãe, que estava concentrada em uma revista feminina. Adivinha qual? A *Vogue*.

A recepcionista, uma magricela, que precisa depilar o bigode, gritou meu nome em voz alta e aguda:

— Jane McBee! A senhora já pode ir para a sala de exame.

Credo! Como a voz dela é irritante, fora que ela me chamou de senhora... Sou senhorita, uma jovem destinada a sofrer.

Ao entrar na tenebrosa e fria sala de exames me controlei para não explodir o computador a grito. Sim, meus poderes dão-me tal habilidade! Legal, né?

Pena que fui proibida de fazer isso...

A ressonância era em uma câmara aberta, e sem sedativo.

Deitei e tentei relaxar...

Que nada! Fiquei extremamente tensa! Em pânico!

Aquele troço fazia um barulho perturbador! A droga do teto estava a menos de dez centímetros de meu nariz! Ai que falta de ar! Socorro!

Fala sério, chegou minha hora, é agora, vou morrer!

Meu oxigênio estava acabando! Uma luz! Não! Era o fim, morte na certa!

Droga, cadê aquela campainha estúpida que o coitado do paciente aperta caso tenha um faniquito?

Não! Mamãe está com a campainha!

Tive de agüentar quarenta torturantes minutos naquele barulho horrível!

O tiozinho que estava fazendo o exame ficava dizendo:

– Respira fundo! Prende! Solta! – disse ele várias vezes.

Ah, sim, o sádico Dr. Onofre também estava lá!

Ele, impiedosamente, aplicou o contraste na minha mão!

Fala sério... Doeu muito, eu sou delicada!

Desculpe-me pelo drama, mas preciso desabafar isso com você!

Obrigada por estar me aturando! Você é um doce!

Foi um alívio quando saí daquele exame!

Como é bom respirar! Viu? eu não morri!

Você ficou apavorado à toa. Desculpe-me.

– Como foi o exame, Jane? – perguntou Onofre.

– É Lola! O EXAME FOI PÉSSIMO! – disse eu sem esconder a angustia que sofri.

Que pergunta mais estúpida que o Dr. Onofre foi fazer...

Ufa... Ainda bem que já acabou.

☉ *Começo da Maré Alta*

Não tem jeito... Fui condenada à cirurgia. Agora é oficial. Minha vida, que já era um rabisco gordo e feio, estava para se tornar um megarrabisco!

Foi a partir dessa cirurgia que minhas noites em depressão me aguardavam.

Sorte que meu plano de saúde é *The better*, minha cirurgia foi marcada logo cedo na Beneficência Portuguesa, mais conhecida como Benê.

Eu estava um tanto trêmula... No quarto do hospital veio a enfermeira medir minha pressão. Devo dizer que ela me apertou com tanta força que pensei que ficaria sem braço.

Pera aí? E o sedativo? Colega, volte aqui!

– Ai, você consegue engolir esse sedativo a seco? – perguntou a enfermeira.

– Claro que não! Preciso de água! – disse a ela.

– Ai, mas antes da cirurgia não pode comer, nem tomar nada! Você não está em jejum? O Dr. Onofre deve ter dito...

– Sim, estou em jejum, mas não consigo tomar esse remédio a seco!

De tanto a enfermeira pegar no meu pé tive de engolir o remédio a seco!

Pensa que eu dormi? Que nada! Eu estava ligadona no 220 Volts!

Fui para a sala de cirurgia em completo pânico!

Nunca um hospital pareceu tão assustador! Queria gritar, chorei muito, muito mesmo.

Já reparou que todo mundo fica feio em hospital? Ufa, é um ambiente tão deprimente, assustador!

As enfermeiras tentavam distrair-me:

– Fica olhando para a minha touquinha de ursinho! – disse uma delas.

Touquinha de ursinho? Não deu certo... Eu já estava me sentindo ridícula por estar usando uma camisola azul muito indecente (ela era meio aberta nas costas), um sapatinho cafona e uma touquinha apertada, trajes próprios para quem vai para uma sala cirúrgica.

Caramba... Eu estava mesmo ligadona! Fazer-me apagar não foi nada fácil!

Tiveram que dar anestesia geral (aquela de cheirinho), e mesmo assim eu demorei para dormir!

Os médicos só faltavam dar uma porrada na minha cabeça...

Acordei já no quarto em que me encontrava antes de ir para a cirurgia.

Nossa... Eu estava me sentindo um caco! Arrasada! Retalhada! Recortada!

Sorte que fiquei pouco tempo naquele hospital, logo pude voltar para o conforto do meu lar!

Nada como a nossa casa!

Minha voz ficou acabada depois de tirarem a neurofibroma do meu pescoço!

Eu estava, literalmente, semimuda!

Suspeitava-se que o Dr. Onofre havia lesado meu nervo vago!

Álias, graças a tal hipótese, tive que fazer um exame doloroso! Eletromiografia!

– AAA! – eu gritava de dor!

– Pare de gritar! Vai apenas piorar as coisas caso não se cale! Quer acabar logo com isso? Relaxe! – disse um dos médicos presentes durante a torturante Eletromiografia.

Nesse exame, um tio médico pega uma agulha do tamanho do meu dedo indicador e enfia no meu pescoço, e ainda por

cima fica cutucando impiedosamente minha querida laringe!
Ai, como dói, como dói!

Desculpe-me, mas não deu para evitar o enorme escarcéu que fiz...

Doeu muito mesmo, juro!

Tudo isso deu o resultado de que meu nervo vago não fora lesado, mas, sim, meu querido nervo laríngeo recorrente!

Esse é o benditinho nervo que movimenta minhas doces cordas vocais!

Resultado? Minha voz ficou um horror! Eu mato o Dr. Onofre! Mato! Morra Dr. Onofre! Morraaaaaa! Você é feioooooo!

Graças ao cabeça oca do Dr. Onofre tive de fazer fonoaudiologia.

Fono, uma série de exercícios para treinar a voz.

Mas isso só depois de um mês, achar uma boa fono não é nada fácil...

Mas a minha fono é fantástica! LINDA!

A Doutora chamava-se Deyze, uma moça jovem, loira, olhos azuis.

– Respira fundo! Prende! Solta o ar falando “aaaa”, bem devagar. – disse Deyze marcando o tempo que eu demorava para soltar o ar falando “aa”.

Até que os exercícios são legais! Modéstia à parte, eu sou boa nisso!

Deyze e eu nos tornamos amigas! Grandes confidentes!

No começo não foi nada fácil, mas daí eu fui pegando a manha!

Se algum dia, caro leitor, você precisar fazer fono, eu digo faça.

Faça com gosto, faça que isso ajuda muito mesmo!

E, claro, faça com a Deyze! Daí vai ser BEM mais legal!